

A formação de professores (as) e o uso das tecnologias da informação e da comunicação: um olhar antropofágico e intercultural

Ivete Souza da Silva*

Resumo

O presente artigo resulta de pesquisas que são desenvolvidas há mais ou menos seis anos, objetivando contribuir teórica e epistemologicamente com a formação de professores(ras) de maneira geral e, em especial no que se refere ao uso das Tecnologias da Informação e da Comunicação (TICs), por meio dos pressupostos filosóficos contidos na Antropofagia Cultural Brasileira (ACB). O uso das TICs na educação constitui-se em um desafio para a formação de professores(as), sendo estas, muitas vezes, entendida como concorrentes da prática pedagógica, e não como um instrumento enriquecedor para a construção da mesma. As tecnologias, em especial as TICs fazem parte de forma mais frequente na vida das pessoas. A educação de maneira geral, e a formação de professores(as) em particular, não podem ficar alheias a essas mudanças, devendo utilizá-las como recurso para mediar à construção do processo de ensino/aprendizagem. A ACB, propõe à formação de professores(as) pensar a construção de suas práticas educativas de forma contextualizada e articulada com seu tempo, buscando a construção de uma educação intercultural (FLEURI, 2005). Uma educação que considere a diversidade presente no espaço educativo, valorizando as diferentes culturas saberes e fazeres para a construção de suas práticas. Tal proposta está em acordo com o que sugere o educador Paulo Freire (1983), ao defender uma educação dialógica em que, tanto educador quanto educando se reconheçam como parte do processo educativo, sujeitos transformadores da sociedade.

Palavras-Chave: Formação de Professores(as). Tecnologias da Informação e da Comunicação. Intercultura. Antropofagia Cultural Brasileira.

* Pedagoga; Mestre e Doutoranda em Educação no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Santa Maria (PPGE/UFSM); pesquisadora do Núcleo KITANDA: Educação e Intercultura; bolsista Capes-REUNI; ivedasilva@yahoo.com.br

1 UMA BREVE INTRODUÇÃO

Os escritos aqui apresentados resultam de pesquisas desenvolvidas desde o ano de 2006, que vem sendo tecidas ideias sobre as possíveis contribuições dos pressupostos de *Devoração Criativa* e *Devoração Intercultural* da Antropofagia Cultural Brasileira para a Formação de Professores(as) em geral em uma perspectiva intercultural de educação. Inicialmente estes estudos fizeram parte de pesquisas desenvolvidas na iniciação científica, financiadas pelo PIBIC-CNPq, e, posteriormente, como pesquisa de Conclusão de Curso e, também, como de Dissertação de Mestrado e, atualmente como tese de Doutorado em Educação. O objetivo da mesma é trazer as possíveis contribuições desses pressupostos antropofágicos para pensarmos a Formação de Professores (as) no que se refere ao uso das Tecnologias de Informação e de Comunicação (TICs).

O uso das tecnologias na educação é um tema que, a cada dia, tem recebido uma atenção maior por parte dos educadores e educadoras. Esta questão tem dividido opiniões entre os profissionais da educação e também de outros profissionais. Mas o fato é que, por mais diversas que sejam essas opiniões, duas delas podem-se considerar unânimes: 1) a de que a escola deve se apropriar das tecnologias para pensar a educação; 2) de que as professoras e os professores devem fazer uso das tecnologias para construir suas aulas e torná-las mais dinâmicas e atrativas. Mas, será que as tecnologias nunca fizeram parte da história da educação? Será que o uso de tecnologias mais avançadas, as chamadas “novas tecnologias” garantiria uma melhor qualidade de aula? Etimologicamente a palavra tecnologia (derivada do grego **τεχνη**: arte, técnica, ofício; e **λογια**: estudo) é entendida como o “conjunto dos conhecimentos científicos, dos processos e métodos usados na criação e na utilização de bens e serviços.” (HOUAISS, 2008). As tecnologias fazem parte da nossa história enquanto humanidade. Bem antes de descobrirmos o fogo, ou de inventarmos a roda já havíamos criado artefatos tecnológicos. Foram, inclusive, as tecnologias e seus avanços que possibilitaram com que os povos ibéricos aqui chegassem e dessem continuidade a miscigenação que nos constitui hoje como brasileiros(as) (RIBEIRO, 2010, p. 67). Nós seres humanos, diferente dos outros animais, conforme afirma Saviani (2008), precisamos modificar/intervir no meio em que vivemos. Assim, inventamos o mundo e a nós mesmos. Inventamos formas de viver, de entender o mundo, de nos comunicarmos. Inventamos a linguagem, a arte, enfim, nos fazemos gente. Humanizamos nosso entorno para nos humanizarmos. Paulo Freire, (1983, p.

105) ao falar sobre a atividade humana no mundo, em contraponto com a atividade dos outros animais, afirma que, “[...] os homens ao contrário dos outros animais não apenas vivem, mas existem e sua existência é histórica”, pois tem consciência de sua atividade e do mundo. A consciência de nossa existência histórica nos permite transformar os espaços em que vivemos e, também, transmitir às futuras gerações, nossas descobertas e criações, assim como conhecermos as invenções e descobertas das gerações passadas. É essa consciência histórica que possibilita com que as técnicas construídas pelos diferentes povos e culturas possam ser socializadas. Um exemplo disso são as técnicas de conservação de alimentos criada pelos povos indígenas, que hoje são utilizadas para o empacotamento à vácuo de certos alimentos.

As tecnologias são construções humanas e fazem parte da nossa educação. Nesse processo de nos humanizarmos intervindo no meio, fomos criando e recriando técnicas com o intuito de facilitar nossa ação no mundo. Assim, o que denominamos de “tecnologias”, transformou-se, aprimorou-se e aperfeiçoou-se. Com isso transformamos a maneira de nos comunicarmos, encurtando distâncias e estabelecendo outras formas de nos relacionarmos. Mudamos nossa forma de produzir arte, criamos novos ofícios e proporcionamos a eles diferentes significados. Nesse contexto, a educação, em seus diferentes espaços de atuação – escolar e não escolar, presencial e à distância – também se modificou. Muitas foram as teorias e metodologias criadas para pensar a educação e a relação ensino/aprendizagem. Nesse processo, as tecnologias sempre acompanharam as educadoras e os educadores, sendo utilizada como recurso para mediar o processo de ensino/aprendizagem, pois sua história está intimamente ligada ao uso e ao avanço das tecnologias. No entanto, quando falamos do uso das tecnologias, em especial das novas tecnologias na educação, muitos educadores(as) sentem-se desafiados. Talvez por medo do novo ou despreparo, alguns professores(as), veem as tecnologias como concorrentes de suas propostas pedagógicas e não como um instrumento possível de ser utilizado para a mediação do processo de ensino/aprendizagem.

O fato é que as tecnologias, em especial as da informação e da comunicação fazem parte, cada vez de forma mais frequente, da vida das pessoas que constroem o espaço escolar. Por isso, a educação de maneira geral, e a escola em particular, não podem estar alheias às transformações tecnológicas, mas, sim, tentar acompanhar essas mudanças e utilizá-las como recurso para mediar à construção de seus processos formativos e formadores. Nesse sentido, ao pensarmos a formação de professores(as), acredito ser de grande importância refletirmos sobre o uso das tecnologias de informação e

de comunicação na educação escolar. Dessa forma, propõe-se refletir sobre a educação e a tecnologia a partir de um olhar antropofágico (ANDRADE, 1992) e intercultural (FLEURI, 2005) de educação.

2 DESENVOLVIMENTO

2.1 ANTROPOFAGIA CULTURAL BRASILEIRA: QUAIS SÃO SEUS PRESSUPOSTOS...

São Paulo, 1922, teatro municipal, 11 a 18 de fevereiro. É neste período que acontece a Semana da Arte Moderna e que as ideias antropofágicas são apresentadas ao mundo, tendo como precursores Oswald de Andrade,* Tarsila de Amaral, Anita Malfatti, Mário de Andrade, Raul Bopp, Menotti del Piccha, entre outros. O nascimento das ideias filosóficas da antropofagia oswaldiana iniciou-se após a Semana de Arte Moderna (1922) com o *Manifesto Poesia Pau-Brasil* (1924), mais tarde sendo retomada por meio do *Manifesto Antropófago* (1928). Porém os estudos e/ou devorações de Oswald não cessaram por aí. O autor deu continuidade às ideias antropofágicas defendendo-as como Tese para o concurso da cadeira de Filosofia da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo, 1950. A Antropofagia Cultural Brasileira teve como principal objetivo, romper com padrões artísticos e culturais instituídos na época. Estes padrões originários da Europa – região considerada “berço da civilização” – eram importados pelas elites brasileiras de então sem nenhum tipo de contextualização. Os antropófagos culturais que participaram da Semana de Arte Moderna de 1922 se caracterizaram por produzirem uma aguda e pertinente crítica ao que vinha sendo feito até então pelos intelectuais brasileiros.

Mediante devoração das riquezas étnicas e culturais do povo brasileiro, os antropófagos buscavam a criação de uma arte genuinamente brasileira. Uma arte que tivesse como material principal de sua essência criadora e criativa – além das riquezas naturais do Brasil – a cultura, os costumes e os valores de todos os povos habitantes e construtores do Brasil. Pois, como bem coloca o antropólogo brasileiro Darcy Ribeiro (2010, p. 68), o produto “verdadeiro” e “real” da obra colonial de Portugal não foram os ouros, nem as mercadorias

* Embora a Semana da Arte Moderna e a Antropofagia Cultural Brasileira em especial, tivessem contado com a participação de muitos outros artistas, escritores e pintores, Oswald de Andrade é o fundador maior das ideias antropofágicas, considerado Pai dos pressupostos contidos na Antropofagia Cultural Brasileira. Dessa forma, este autor aparecerá de forma mais frequente e pertinente nestes escritos, ao referir-me as ideias antropofágicas.

produzidas, mas, sim, “um povo-nação aqui plasmado através da mestiçagem”. A Antropofagia Cultural Brasileira pensava, por meio da arte, apresentar o Brasil aos estrangeiros, como muito bem afirmava Oswald de Andrade em entrevista a Joaquim Inojosa, para o *Jornal do Comércio*: “[...] temos que apresentar o Brasil aos estrangeiros. Como, porém? Copiando deles e mal copiado? Trabalharemos por um Brasil brasileiro e característico.” (ANDRADE, 1990, p. 36). Pretendiam os antropófagos criar e apresentar uma cultura brasileira, formada por meio da devoração de todas as etnias que contribuíram para a formação desta terra e desta gente.

O princípio da antropofagia não era ignorar o novo, muito menos desconsiderar o antigo. Para construir um “Brasil característico” era preciso considerar/entender/valorizar a cultura e a realidade vivida em cada cenário brasileiro. Não tínhamos que importar ideias vindas de “além mar” (BARCELOS e SILVA, 2007), sem nada a oferecer para as necessidades da nossa terra. Seria preciso escolher apenas o que interessava-nos, de acordo com nossas necessidades, vontades e desejos. Para tal discernimento bastava apenas uma atitude: *Devorar*. Devorar para criar. Destruir o velho saber para construir em cima, utilizando-o como matéria prima do novo, conforme sugere Maltz (1993) ao falar sobre o princípio antropofágico. Muito mais que uma crítica à arte que vinha sendo produzida no Brasil, que apenas copiava os costumes e valores europeus sem contextualização, a antropofagia sugere uma outra forma de olhar e pensar o mundo. A Antropofagia Cultural convida a livrarmo-nos da cópia e da submissão e/ou imposição a povos, culturas e ideias não contextualizadas, desafiando-nos ao exercício de um pensar livre, sem a pretensão de fórmulas e respostas prontas. Pois como bem afirma Oswald de Andrade, no *Manifesto Poesia Pau-Brasil* (1924): “Nenhuma fórmula para a contemporânea expressão do mundo. Ver com olhos livres.”

Embora a Antropofagia tenha ficado historicamente marcada pela fase modernista, mais especificamente pela Semana da Arte Moderna de 1922, suas ideias têm desdobramentos que vão muito além deste período ou fase. A Antropofagia oswaldiana representa bem mais que os movimentos culturais do período modernista vivido no Brasil. Oswald de Andrade, (1970) ao construir seu conceito para o termo *Antropofagia*, busca na essência do homem natural, civilizado e do natural tecnizado – tese, antítese e síntese respectivamente – a fundamentação para sua criação. O autor, ou melhor, criador da Antropofagia, traz nesses três “exemplos de homens”, diferentes formas de organização social, cultural, religiosa, política e filosófica. O homem, segundo Oswald de Andrade (1970), viverá novamente seu estado antropofágico,

devorando e deglutindo tudo a sua volta, e não mais sendo mero executor e reprodutor de ideias. Trata-se não da antropofagia canibalesca instituída pela cultura Jesuítica, mas da antropofagia em seu estado “natural” de *devoração*. De acordo com o pensamento oswaldiano a Antropofagia, enquanto prática de alguns povos americanos, não deixava de ser um ritual de religiosidade. Ritual este que era praticado por povos primitivos que já tinham atingido uma “elevada cultura” e que, não o praticavam nem por gana nem por gula, (ANDRADE, 1970, p. 77), mas, sim, por acreditarem que ao se alimentarem da carne de seu semelhante, iriam transferir para si toda a força e coragem deste. Esta prática só era realizada com entes queridos após sua morte, ou quando algum inimigo considerado “Bravo Guerreiro” era capturado (SUPERINTERES-SANTE, ago., 1997, p. 62).

Metafisicamente falando, o rito antropofágico está ligado a “[...] transformação do tabu em totem. Do valor oposto, ao valor favorável. A vida é feita de devoração pura. Nesse devorar que ameaça a cada minuto a existência humana, cabe ao homem totemizar o tabu. O que é o tabu senão o intocável, o limite?” (ANDRADE, 1972, p. 78). E é por meio da “transformação do tabu em totem”, da *devoração/deglutição* do que lhe é estranho que o pensamento antropofágico traz não só uma nova tendência na arte brasileira, mas, também, outra forma de perceber e construir o mundo. É um pensar livre, sem imposições ou restrições. Livre para andar. Livre para criar. É o fim da cópia ou da submissão a povos, a culturas, a ideias trazidas de “além mar” (BARCELOS, 2003) que são impostas, por mentes preguiçosas e cansadas que, a bem da verdade, têm é medo de criar. Medo de serem *devorados*.

A Antropofagia Cultural Brasileira, por meio de seus artistas, músicos e literatos apresentam como principal característica a reelaboração da cultura brasileira. Talvez, esse tenha sido o maior tabu transformado em totem, pelos antropófagos. Buscava-se criar uma poesia de exportação que representasse a cultura brasileira, movimento iniciado com o *Manifesto Poesia Pau-Brasil* o qual recebeu este nome em homenagem a nosso primeiro produto exportado: o Pau-Brasil (ANDRADE, 1992).

O pensamento antropofágico e seu pressuposto criativo e inventivo foram muito mais que uma ideia difundida apenas no campo da arte. A antropofagia é vida. Acontece no cotidiano das pessoas e dos povos que a todo instante criam e recriam sua cultura. Ocorre na vida das pessoas que buscam alternativas para viver a vida de modo diferente, de acordo com a realidade que o espaço em que vive lhe oferece.

A prática antropofágica, não é algo distante das nossas relações cotidianas. O Brasil e o mundo estão cheios desses exemplos. Há que se trazer tal

discussão para o espaço da educação e da formação de professores (as), principalmente no que se refere ao uso das TCIs. Esse é o exercício que se faz por meio das devorações tecidas à respeito dos pressupostos antropofágicos. A escola é um bom lugar para “erupções de criatividade” (RIBEIRO, 2010), basta, para tanto, criar oportunidades para que a capacidade inventiva e devorativa de cada um possam se manifestar.

Os pressupostos antropofágicos de devoração criativa e devoração intercultural provocam o exercício de criação e invenção a partir da valorização do que temos. Ela nos provoca ao exercício de uma Devoração Criativa e Intercultural, que, em vez de temer o novo, o diferente e o estranho, possamos nos arriscar a conhecê-lo e ver o que dele queremos manter para a construção de nossas práticas pedagógicas e educativas. O uso das tecnologias da informação e da comunicação na educação é, por vezes, ainda um tabu para muitos educadores. Não que esta seja uma prática de todos(as) os(as) educadores(as), mas é uma prática existente e que precisa ser discutida e refletida, por isso a importância de buscarmos contribuições teóricas e epistemológicas para esta temática.

2.2 FORMAÇÃO DE PROFESSORES (AS) E O USO DAS TECNOLOGIAS DA INFORMAÇÃO E DA COMUNICAÇÃO: UM OLHAR ANTROPOFÁGICO E INTERCULTURAL

Muitos são os desafios postos a educação atualmente. Vivemos um tempo de grandes e intensas transformações políticas, econômicas, sociais, tecnológicas e também culturais. Um tempo em que os encontros e desencontros entre os diferentes, estranhos e estrangeiros se intensificam, pondo para dialogar diferentes saberes, culturas e estruturas sociais. Muitos dos valores e conceitos que tínhamos como legítimos e inquestionáveis estão sendo postos à prova. A sociedade se reconfigura e coloca em evidência alguns aspectos antes não considerados ou reprimidos como, por exemplo: as diferentes estruturas de família, de gênero, as culturas e os saberes e fazeres dentro de cada uma delas.

Todas essas mudanças e transformações repercutem na educação de maneira geral, e na educação escolar em particular, pois a sala de aula é constituída pelas mesmas pessoas que vivem e constroem o mundo fora dela. Dessa forma, educadores e educandos ao adentrarem o espaço escolar, levam consigo seus saberes, fazeres e experiências, provindos de sua cultura. E a cultura, como bem coloca Freire (2003) é o jeito de o povo falar, andar, dançar, sorrir é a forma como o povo cultiva a terra, cria e recria seu mundo,

transforma-o e deixa-se transformar. Nesse sentido, ao pensarmos a relação entre educação e tecnologia não podemos deixar de considerar e valorizar os saberes e fazeres das pessoas envolvidas no espaço educativo para a construção das nossas práticas pedagógicas. E, em tempos em que as tecnologias de forma geral e, em especial as tecnologias de informação e de comunicação se tornam cada vez mais presentes em nossa vida, é de grande relevância pensarmos a formação de professores(as) e considerarmos o uso desses recursos para a construção da prática pedagógica. Então, a importância de refletirmos sobre a Formação de Professores(as) para o uso das TICs, em uma perspectiva intercultural e antropológica de educação.

O movimento antropofágico ao criticar a cópia e a imitação de modelos além-mar, sem contextualização histórica e cultural, propõe a criação e a invenção de “coisa nova e coisa nossa” (ANDRADE, 1972). Para tal ato criativo e inventivo, os antropófagos culturais propõem a valorização das diferentes etnias e culturas que compõem o Brasil, e dão origem ao que convencionalmente denominamos de “povo brasileiro”. Porém, sem descartar o que vinha de fora, o que lhe era estranho, o que lhe causava medo. Ao contrário. Tudo deveria ser conhecido. Mas, somente aquilo que interessasse a nossa cultura deveria ser devorado e, misturado ao que já tínhamos, originando a um terceiro elemento, ou seja, a coisa nova e nossa. Dessa maneira, a Antropofagia Cultural Brasileira nos convida a refletir sobre o hábito – infelizmente ainda muito cultivado por nós – da simples transposição de modelos prontos e acabados que nada tem a ver com nossa gente e culturas. Um exemplo é a “educação bancária”, muito bem abordada e criticada pelo educador Paulo Freire (1983) em sua obra *Pedagogia do Oprimido*, que trata o educando como alguém desprovido de saberes e conhecimentos, devendo o educador “depositar” nele todo seu conhecimento. A concepção de educação que fundamenta esta prática não entende o educando como agente produtor de seu conhecimento, muito menos como sujeito formador e transformador da sociedade. E o educador nesse processo tem apenas a ilusão de ser detentor de alguma coisa que deve transmitir a alguém, pois da mesma forma, não é respeitado como ser humano produtor e criador de seu conhecimento e de sua prática. Em educação, no entanto, como bem afirma Freire (1983), não há um saber mais ou um saber menos. O que existe são saberes diferentes. E estes saberes são construídos por cada pessoa de forma particular, por meio de sua cultura e de suas experiências no mundo, devendo ser valorizados na construção da prática educativa.

Dessa forma, pensar uma educação a partir de uma perspectiva intercultural é não apenas reconhecer a cultura do outro como diferente, mas entender

e respeitar o fato de que pertencer a uma cultura diferente significa pensar e se relacionar no mundo, e com o mundo, de forma diferente. Nesse sentido, o trabalho intercultural, como bem coloca Fleuri (2005, p. 92-93), tem a intenção de:

[...] contribuir para superar tanto a atitude de medo quanto a de indifferente tolerância frente ao "outro", construindo uma disponibilidade para a leitura positiva da pluralidade social e cultural. Trata-se, na realidade de um novo ponto de vista baseado no respeito à diferença, que se concretiza no reconhecimento da paridade de direitos.

Somente após reconhecermos e respeitarmos o outro e sua cultura é que poderemos estabelecer uma relação "intercultural" com este outro. Logo, a escola é um bom lugar para esta prática, e nós, professoras e professores, podemos incorporá-la em nosso fazer pedagógico. A prática de uma educação intercultural requer muito mais que o reconhecimento de culturas e pessoas diversas dentro do mesmo espaço educativo. Por isso, faz-se necessário, segundo Fleuri (2003) "[...] reinventar o papel e o processo de formação de professores(as)". Este autor nos alerta para o fato de que é preciso que os instrumentos pedagógicos, bem como as metodologias e os processos educativos desenvolvidos, deem conta da complexidade das relações humanas entre indivíduos e culturas diferentes (FLEURI, 2003).

Nesse sentido, o uso das tecnologias de informação e de comunicação pode ser entendido como um veículo de conhecimento e aproximação das diferentes pessoas e culturas, também no espaço da educação escolar, pois, como diria Touraine (2003), para o bem ou para o mal já estamos todos juntos. E as tecnologias, em especial as de informação e de comunicação, são grandes responsáveis por esse "encurtamento de distâncias". Se antes demorávamos dias, semanas, ou meses para sabermos notícias de outros lugares, hoje basta ligarmos a TV, acessarmos a internet, lermos o jornal, ou usarmos o telefone e, em segundos, estaremos informados sobre os acontecimentos do mundo inteiro. Quando estivermos com muita saudade de alguém, não precisamos esperar por um encontro presencial, podemos amenizá-la com um telefonema ou uma conversa nos *sites* de relacionamento, tais como: MSN, Orkut, Facebook. Para sabermos um pouco sobre a culinária japonesa, italiana ou portuguesa, basta procurarmos um restaurante especializado e, certamente, degustaremos os melhores pratos típicos, que, provavelmente, serão servidos por descendentes desses países, ou algum admirador irremediável. Tudo ocorre de maneira muito rápida. As informações de diferentes lugares do mundo chegam com a mesma velocidade, ou até maior, com que nos chega a notícia mais recente da nossa cidade ou bairro. Os *sites* de relacionamentos,

as emissoras de TV, os restaurantes típicos de países ou regiões, não estão apenas em um lugar, mas espalhados pelo mundo todo.

É certo que educadores e educandos possuem saberes, fazeres e experiências diferentes, provindo de vivências e tempos históricos, também diferentes. As tecnologias que estão a nossa disposição não são as mesmas que tínhamos na nossa infância ou juventude, por exemplo. Tudo muda de forma muito rápida e há sempre algo novo a nos desafiar e nos surpreender. É preciso vencer o medo e se propor a conhecer o novo, olhando-o com o olhar livre como diria Oswald de Andrade ou Nietzsche, devorando, o que de bom esse novo pode nos oferecer. Essa é uma das grandes contribuições do pensamento antropofágico para a formação de professores(as).

As tecnologias podem contribuir para a construção de nossas práticas educativas no que se refere à mediação pedagógica, promovendo outras formas de interação e integração. O pesquisador Moran (2011), na obra que organiza, intitulada *“Novas tecnologias e mediação pedagógica”*, nos instiga a pensar sobre a relação tecnologia e educação, em especial a educação escolar e/ou formal. O autor inicia por nos fazer pensar sobre a diferença entre o ensinar e o educar. Segundo o autor, o educar está relacionado com a vida em todas as suas dimensões, enquanto o ensino é a organização de atividades didáticas para a compreensão de determinadas áreas do conhecimento. Dessa forma, o grande desafio pedagógico que se tem é o de integrar o ensino à vida e, assim, realizar, de fato, a educação. Uma educação que ajuda a encontrar o caminho emocional e profissional e que contribui para a transformação no mundo. As tecnologias, nesse sentido, podem contribuir para esse relacionar, sendo utilizada como instrumento mediador para a integração das diferentes dimensões do humano. A educação escolar, “[...] precisa compreender e incorporar mais as novas linguagens, dominar as possibilidades de expressão e as possíveis manipulações.” (MORAN, 2011). A educação precisa ser rejuvenescida constantemente. Precisa deixar fora alguns conceitos pré-estabelecidos. Preconceitos. Ideias feitas, prontas e acabadas, que não mais servem para a realidade em que vivemos. Nós, homens e mulheres, educadores e educadoras, precisamos nos arriscar no convite antropofágico de *transformar o tabu em totem*. A criar novos tabus em função exogâmica, para que possamos desconstruir certezas e verdades e, assim, manter viva a devoração antropofágica que, segundo Oswald, faz parte de nossa natureza de “animal devorante”.

Para tanto, há que se recriar e reinventar algumas práticas pedagógicas, como, por exemplo, aquelas já *cansadas e tristes*, que teimam em tratar todas as pessoas e espaços como iguais, sem considerar suas particularidades e sin-

gularidades. Precisamos aceitar a novidade, pois como afirma Freire (2001b, p. 56), é “[...] na medida em que, despercebidamente, recusamos a *novidade* como argumento de que ‘no meu tempo era melhor, que vamos nos tornando velhos.’ Um bom lugar para se começar a mudança é por nós mesmos. E o melhor tempo para isso é o hoje, o agora. O melhor tempo “é o tempo que se vive, tanto para um jovem de 22 anos como para um de 70”, já dizia o educador Paulo Freire (2001b, p. 56). É em nosso corpo e na forma como o movimentamos no mundo que nos torna jovens ou velhos. Capazes ou não de refazermos nossas práticas e de com elas repensarmos e (re)(des)construirmos o espaço em que vivemos. A educação faz parte da vida e, por isso, o ensino deve considerar os saberes, vivências e experiências de cada pessoa envolvida no processo educativo, seja ele presencial ou à distância.

Os recursos tecnológicos usados na educação devem caminhar buscando um objetivo único: a otimização do processo de ensino e aprendizagem. O uso das tecnologias possibilita a transformação dos velhos paradigmas de educação, propiciando atividades pedagógicas inovadoras. Os aparatos tecnológicos devem ser vistos como uma ferramenta de ensino e devem ser facilitadores da aprendizagem, buscando fascinar o aluno para as novas descobertas. A aprendizagem é movimentada pelo desejo, pela vontade. Aprendemos mais quando desejamos aprender. Quando estabelecemos pontes entre os conceitos estudados e a vida vivida (MORAN, 2011). Assim, quanto mais relações estabelecermos entre o vivido e o pensado (MORAN, 2011) entre ação e reflexão (FREIRE, 1983) melhor e mais aprenderemos.

Muitas são as possibilidades de trabalho utilizando as TICs na educação. Moran (2011) cita exemplos de trabalho pedagógicos utilizando a internet, o vídeo, a televisão. Masetto (2011) ao dissertar sobre a “Mediação pedagógica e o uso das tecnologias” também traz algumas propostas. São elas: *o chat ou bate-papo; lista de discussão on-line; correio eletrônico;* entre outros. As tecnologias, como bem coloca Masetto (2011) devem ser utilizadas para valorizar a autoaprendizagem, incentivar a formação permanente, a pesquisa, o debate, as discussões, as reflexões e trocas de informações. Ela possibilita uma continuidade da relação pedagógica para além da sala de aula, entre todos os sujeitos do processo – educandos e educador. Uma possibilidade de continuidade do processo pedagógico via novas tecnologias, é o Ambiente Virtual de Aprendizagem (AVA), que hoje já é utilizado em algumas universidades como apoio às aulas ministradas na modalidade presencial. Esse espaço oferece diferentes possibilidades de trocas e construções pedagógicas, além das sugeridas anteriormente por Masetto (2011), como por exemplo: *constru-*

ção de texto coletivo por meio do wiki escrita de Diário; Enquetes, criação de Glossário, entre outros. No entanto, se a instituição de ensino não dispõe desse recurso, como é o caso da maioria das escolas, esses “encontros virtuais” podem ser planejados utilizando os recursos disponíveis na internet, como o MSN, e-mail e sites de pesquisa. Outra opção de interação é a criação de um “blog da turma”, em que podem ser postados os acontecimentos da aula, as atividades e pesquisas realizadas pela turma.

As tecnologias podem ser instrumentos para instigar o desejo, para provocar o estabelecimento de pontes, para construir uma educação intercultural (FLEURI, 2003) e antropofágica (ANDRADE, 1992), integrando saberes, estabelecendo relações. Uma educação que estimule a construção da autonomia e do respeito ao outro em cada pessoa construtora do espaço educativo. Que saiba valorizar a diversidade, e as relações estabelecidas entre o diferente, o estranho, o estrangeiro, promovendo a mediação de um espaço dialógico que considere os encontros, desencontros e confrontos dessas relações. Um espaço em que o educador e os educandos aprendam juntos, “mediatizados pelo mundo”, como afirmava Freire, a partir dos saberes que construíram no viver da “experiência feita”.

No entanto, os recursos tecnológicos também podem ser usados para a construção de uma prática educativa fundamentada em concepções tradicionais, em que o educando é alguém que aprende e o educador alguém que ensina. O fato de termos ao nosso alcance os mais variados e sofisticados aparatos e programas tecnológicos, não nos garante uma educação de qualidade. Essa questão dependerá da forma como o educador se apropriará deste material e fará uso dele. Podemos escolher entre copiar e criar. E para criar é preciso estarmos atentos ao que acontece ao nosso entorno. É preciso estarmos atentos ao desejo de nossos educandos, e ao que pode ou não ter significado para ele.

Educador e educando, segundo Masetto (2011) possuem papéis distintos, embora ambos sejam ativos neste processo. Ao educador cabe ser um mediador, propositor, possibilitador da construção da aprendizagem. Este deve, por meio das tecnologias, provocar o educando a aprender. Buscar despertar nele o desejo, a curiosidade, a reflexão. O educando é sujeito ativo na construção de seu conhecimento, organizando suas ações cognitivas para que a aprendizagem aconteça. Moran (2011) diz que aprender é passar da desestabilização das verdades e certezas que temos construídas, para a criação de novas certezas provisórias. Elas dão espaço para novas sínteses e descobertas, desconstruindo e construindo novos conhecimentos e saberes.

O papel do educador é provocar a desestabilização das verdades e certezas do educando, bem como, ser mediador do processo de construção de novas certezas provisórias. E esse processo quanto mais prazeroso e alegre for para o educando e para o educador, melhor se construirá, pois como muito bem afirmava Oswald de Andrade (1928), “a alegria é a prova dos nove”, e a escola deve ser um espaço de alegria.

O uso das TICs para a construção da prática docente oferece um espaço de estímulo para a criação e a invenção, aguçando a curiosidade do educando e tornando o aprendizado mais prazeroso e alegre. E aqui, lembramos as palavras do educador Paulo Freire (2000, p. 37), quando este nos diz que a escola deve ser um espaço gerador de alegria e, a “alegria de ensinar-aprender, deve acompanhar professores e alunos em suas buscas constantes”. No entanto, para que esse processo ocorra de maneira mais fácil, prazerosa e alegre é preciso que os estímulos oferecidos pelo educador possibilitem aos estudantes fazerem relações com o que já sabem e com o seu mundo vivido. Entende-se que estas relações devam ser o fio condutor da prática educativa, e, para tal, é importante que se construa um espaço cooperativo, baseado no respeito e na confiança em que os diferentes, estranhos e estrangeiros possam dialogar. Somente um lugar construído a partir desses princípios pode ser gerador de alegria e abrir espaço para a curiosidade e a criação. É a curiosidade que, para Freire, mantém a atividade gnosiológica, expressão concreta da nossa capacidade de aprender. É a curiosidade “[...] esse desejo sempre vivo de sentir, viver, perceber o que se acha no campo de suas ‘visões de fundo.’” (FREIRE, 2001b. p. 76) que nos motiva a aprender e a criar.

3 CONCLUSÃO: PALAVRAS FINAIS

Mais que pensar a Formação de Professores(as) e o uso das Tecnologias da Informação e da Comunicação é prudente refletirmos sobre nossa própria formação e, conseqüentemente, a maneira como conduzimos nossas práticas educativas. Esse exercício foi muito bem apresentado nas ideias e na corporeificação das palavras do educador Paulo Freire. Este autor, no decorrer de sua prática de educador e cidadão do mundo, insistiu na ideia de que somos seres inacabados, e que é, justamente, a consciência desse inacabado que nos torna seres aprendentes e educáveis durante toda a vida (FREIRE, 2001a).

Somos seres do *que fazer* e não do *fazer* dizia Freire (1983, p. 145). É por sermos assim, que nossa ação não é separada de nossa reflexão. Alguns

profissionais – teóricos, educadores, sociólogos – diriam que esta conclusão, de Freire, já está “manjada”, ou, “fora de contexto”, porém, nunca esteve tão atual, pois ela diz da relação entre aquilo que falamos e aquilo que fazemos. Relação esta que, conforme afirma Freire (2000, p. 28), deve ter sua distância diminuída. No entanto, para “diminuir a distância entre o que dizemos e o que fazemos” (FREIRE, 2000), é interessante levar em consideração um outro exercício sugerido pelo educador chileno Humberto Maturana (2002) que é o de pensarmos sobre a maneira de como fazemos aquilo que fazemos e porque fazemos assim e não de outro jeito. Entende-se que tais reflexões possam tornar possível a aproximação entre os nossos princípios e as nossas atitudes (BARCELOS, 2008). É pensando sobre como estamos sendo no mundo e com o mundo, que vamos reinventando e reinventando o mundo ou os mundos que vivemos.

Ao trazer estas reflexões, fala-se de um lugar bem próximo de um lugar que ocupamos no mundo como educadoras e educadores, mulheres e homens, mães e pais, irmãs e irmãos, amigas e amigos. Não falamos de um lugar distante, ou, como diria Barcelos (2009), de uma “abstração”. Falo da vida de cada um de nós e daquilo que somos nela. A educação não se dá fora da vida e, como diria Freire (1983), muito menos dentro da cabeça das pessoas. Ela acontece no viver. Por isso nossa prática e nossa reflexão não ocorrem em um momento isolado. Elas acontecem enquanto vivemos, pensamos e fazemos coisas. Como muito bem nos lembra o educador antropofágico Paulo Freire (1983, p. 149): “Ação e reflexão e ação se dão simultaneamente”.

As tecnologias sempre fizeram parte da história da educação, apresentando-se de formas diferentes de acordo com o contexto histórico vivido pelas sociedades que as construíram. Então, cabe pensarmos as melhores formas de apropriações possíveis desses recursos, de maneira que eles possam contribuir para a mediação do processo de construção do conhecimento. Nesse sentido, defende-se aqui a ideia de que o uso das tecnologias da informação e da comunicação para a construção da prática educativa não deve vir separada das questões do mundo e da vida. Ao contrário, ela deve ser um elemento articulador entre o saber social e historicamente elaborado e o “saber da experiência feito” (FREIRE, 2000), para que este possa ser desenvolvido cognitivamente. Devorar o contexto cultural dos alunos, conhecê-lo, apropriar-se daquilo que for importante para a construção da aprendizagem. Só assim será possível a *devoração criativa* e a *devoração intercultural*, que considera a unidade na diversidade, como diria Freire (2001a, p. 72), e, acrescenta-se: a diferença na igualdade. Aqui, lembrando as palavras de Santos, (2002, p. 53) de que “temos o direito de ser iguais sempre que a diferença nos inferioriza;

temos o direito de ser diferentes sempre que a igualdade nos descaracteriza”.

Fazer das tecnologias uma aliada ou não da mediação do processo de ensino/aprendizagem é uma escolha nossa, de cada educador e cada educadora. É a postura diante dessa “ferramenta”, e do uso que se pode fazer dela, que irá influenciar na qualidade da aula podendo torná-la atrativa ou não para o educando. Os pressupostos de *devoração criativa* e *devoração intercultural*, presentes nas proposições antropofágicas, sugerem, para a Formação de Professores(as) em geral, e em especial no que se refere ao uso das tecnologias da informação e da comunicação, a construção de um espaço educativo criativo, dialógico e intercultural. Os pressupostos antropofágicos sugerem uma educação que se proponha conhecer, mudar, “dialogar pedagogicamente”, como dizia Oswald de Andrade (1990, p. 79), com “os homens e com o mundo”, como sugere Freire (1983). Uma educação que se permita inventar e inventar-se constantemente. Que dê espaço para a alegria e para a criação.

Nada que trabalhe contra a formação de séria disciplina, do corpo e da mente, sem a qual frustram os esforços por saber. Tudo em favor da criação de um clima na sala de aula em que ensinar, aprender, estudar são atos sérios mas também provocadores de alegria. (FREIRE, 2001 a, p. 72).

Trazer as tecnologias da informação e da comunicação para as práticas educativas de maneira contextualizada e inventiva é um desafio. Porém, um desafio possível de se encontrar alternativas para seu enfrentamento. Uma dessas alternativas é a de usar antropofagicamente as tecnologias de que dispomos, respeitando a interculturalidade presente no espaço educativo. Fica aqui o convite para esse exercício devorativo. A proposta para o banquete educativo está lançada!

Formation of teachers and the use of information and communication technologies: an intercultural and anthropophagic view

Abstract

This article results from research that has been developed for about six years, with the main objective of serving as contribution, in general to the formation of teachers in an epistemological and theoretical way, and in particular regarding the use of Information and Communication Technologies (TICs), by means of philosophical assumptions contained in the Brazilian Cultural Anthropophagy (ACB). The use of TICs in education constitutes a challenge for the

formation of teachers, which are often seen as competitors of teaching practice, and not as a rich instrument for the construction of it. Technologies, especially TICs are becoming more and more common in people's lives. Education in general, and the formation of teachers in particular, can not remain oblivious to these changes and should use them as a resource to mediate the construction of the teaching/learning process. The ACB proposes the formation of teachers to consider the construction of their educational practices in context, and combined with its time, seeking to build an intercultural education (FLEURI, 2007). An education that considers the diversity present in the educational area, enhancing the the different cultures, knowledge and practices to build this routine. Such proposal is in accordance with suggesting the educator Paulo Freire (1983), while advocating a dialogical education where both teacher and student, recognize themselves as part of the educational process, and subject to change in the society.

Keywords: Formation of Teachers. Information and Communication Technologies. Interculture. Brazilian Cultural Anthropology.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, O. **Do Pau-Brasil à antropofagia e às utopias**. v. 6. Rio de Janeiro. Civilização Brasileira, 1970. (Obras completas).

_____. **Estética e Política**. São Paulo: Globo, 1992.

_____. Manifesto Antropófago. **Revista de Antropofagia**, ano 1, n. 1. Piratininga, maio, 1928.

_____. Manifesto Poesia Pau-Brasil. **Correio da Manhã**. São Paulo, maio, 1924.

_____. **Os Dentes do Dragão**: entrevistas. São Paulo: Globo, 1990.

_____. **Ponta de Lança**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1972.

BARCELOS, V. H. L. Antropofagia Cultural e Educação Ambiental – contribuições à formação de professores(as). In: REUNIÃO ANUAL DA ANPED, 28., 2003, Caxambu. **Anais...** Caxambu, 2003.

_____. **Educação Ambiental**: sobre princípios, metodologias e atitudes. Petrópolis: Vozes, 2008.

BARCELOS, V. H. L.; BARCELOS, M. H. **Gangorra Mágica**: a imaginação é a prova real da criatividade. Porto Alegre: AGE, 2009.

BARCELOS, V.; SILVA, I. S. Saberes, sabores e devorações – para uma educação ambiental antropofágica e pós-moderna. In: CORREA, G.; PREVE, A. M. **Ambientes da Ecologia: perspectivas em política e educação**. Santa Maria: UFSM, 2007.

BOAVENTURA SANTOS, S. **A crítica da razão indolente**: contra o desperdício da experiência. Para um novo senso comum: a ciência, o direito e a política na transição paradigmática. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2002.

Canibais: como os rituais antropofágicos dos índios brasileiros sobrevivem até o século XX. **Superinteressante**, São Paulo, n. 8, ano 11, ago. 1997.

FREIRE, P. **A Educação na Cidade**. São Paulo: Cortez, 2000.

_____. **A Importância do Ato de Ler**. 45. ed. São Paulo: Cortez, 2003. (Coleção Questões da Nossa Época).

_____. **Educação e Mudança**. 24. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2001a.

_____. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

_____. **Professora sim tia não**: cartas a quem ousa ensinar. São Paulo: OLHOd'água, 2001b.

FLEURI, R. M. Educação Intercultural: mediações necessárias. In: _____. (Org.). **Educação Intercultural: mediações necessárias**. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

_____. **Entre Disciplina e Rebeldia na ESCOLA**. Brasília, DF: Liber Livro Editora Ltda, 2008.

_____. Intercultura e educação. **Revista Educação, Sociedade & Culturas**, v. 23, p. 91-124, 2005.

HOUAISS. **Dicionário da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Moderna, 2008.

MALTZ, B. Antropofagia: Rito, Metáfora e Pau-Brasil. In: FERREIRA, S.; MALTZ, B.; TEIXEIRA, J.; (Org.). **Antropofagia e Tropicalismo**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 1993.

MASSETO, M. T. Mediação Pedagógica e o uso das Tecnologias. In: MORAM, J. M.; MASSETO, M. T.; BEHRENS, M. A. (Org.). **Novas Tecnologias e Mediação Pedagógica**. 19. ed. Campinas: Papyrus, 2011.

MATURANA, R. H. **Emoções e Linguagens**: na educação e na política. Belo Horizonte: UFMG, 2002.

MORAN, J. M. Ensino e Aprendizagem inovadores com tecnologias audiovisuais e telemáticas. In: MORAM, J. M.; MASSETO, M. T.; BEHRENS, M. A. (Org.). **Novas Tecnologias e Mediação Pedagógica**. 19. ed. Campinas: Papirus, 2011.

RIBEIRO, D. **O povo brasileiro – a formação e o sentido do Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

SAVIANI, D. **Pedagogia Histórico-crítica**: primeiras aproximações. 10. ed. Campinas: Autores Associados, 2008. (Coleção Educação Contemporânea).

TOURAINÉ, A. **Poderemos Viver Juntos? iguais e diferentes**. Petrópolis: Vozes, 2003.

Recebido em 13 de fevereiro de 2012
Aceito em 1 de março de 2012